



A VIDA COTIDIANA DO POVO AKWĒ - XERENTE: PROBLEMATIZANDO O LAZER “DE PERTO E DE DENTRO”¹

Khellen Cristina Pires Correia Soares²

José Alfredo Oliveira Debortoli³

RESUMO

Este estudo objetiva investigar as práticas culturais que se revelam como modo de vida e de constituição da alteridade AkwĒ-Xerente e identificar as aproximações das práticas culturais deste povo com o campo de Estudos do Lazer. A metodologia foi construída com o diálogo entre a pesquisa bibliográfica e de campo, em uma perspectiva etnográfica. As práticas culturais de lazer trazem um habitar específico e uma relação com a territorialidade e temporalidade que fortalecem a alteridade do povo AkwĒ-Xerente.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas; Lazer.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos étnico-raciais são relevantes por diversas compreensões e uma delas é a de reconhecer que a realidade – pensando a partir de Sahlins (2003) – apresenta para além da “razão prática” uma razão de outra espécie: a “simbólica” ou “significativa”. Toma como qualidade distintiva do homem não o fato de que ele deve viver num mundo material, circunstância que compartilha com todos os organismos, mas o fato de que fazê-lo de acordo com um esquema significativo criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única. Por conseguinte, toma-se por qualidade decisiva da cultura – enquanto definidora para todo modo de vida das propriedades que o caracterizam – não o fato de essa cultura poder conformar-se a pressões materiais, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível.

Com o propósito de buscar respostas a tais indagações e sistematizar a produção do conhecimento no campo do lazer e povos indígenas, este trabalho de investigação tem como objetivo investigar as práticas culturais que se revelam como modo de vida e de constituição da alteridade AkwĒ-Xerente. e identificar as aproximações das práticas culturais do povo AkwĒ-Xerente com o campo de Estudos do Lazer.

¹ O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² IFTO, khellencristina@gmail.com

³ UFMG, dbortoli@eefcto.ufmg.br

2 METODOLOGIA

A tarefa de traçar os caminhos metodológicos deste estudo nos reporta para a análise de que enquanto fenômeno moderno o lazer tem seus estudos centrados no meio urbano. As pesquisas neste campo se concentram em revelar as diversas possibilidades de aprofundamento das relações entre o lazer e a modernidade. Nadando contra a maré, na busca por contribuir com o campo de estudos, é que estou propondo trilhar o caminho de volta, quero dizer, voltar às populações tradicionais para verificar como estão desenvolvendo (tecendo/construindo) o seu modo de vida.

Busco uma inspiração antropológica para esta pesquisa, partindo da ideia de Ingold (2015,p. 25) da possibilidade de investigar constantemente e disciplinadamente as condições de vida e potenciais da vida humana, observando os sentidos de produção, o significado de história, a noção de habitar e a ideia de que a vida é vivida ao longo de linhas. Assim, a ideia deste autor é compreender a ideia do ser humano enquanto produtor de suas vidas, e como nesta produção estes seres humanos criam história, identificando neste processo as formas de habitar o mundo, dos seres humanos e não humanos, entendendo o caminho de movimento que cada ser trilhando a partir do seu modo de vida.

Como ponto de partida realizei a revisão teórica, identificando trabalhos nas áreas do lazer, da educação física e da antropologia que versam sobre a relação povos indígenas e: práticas corporais, corporalidade, esporte, identidade e corpo. Analisei também publicações que apresentam o que o campo de Estudos do Lazer nomeia como lazer e ainda as produções acerca do povo *Akwẽ-Xerente*, buscando conhecer e identificar especificidades deste povo e ainda trabalhos que trouxessem conhecimentos acerca das práticas culturais *Akwẽ-Xerente*.

Em uma perspectiva etnográfica foram realizados estudos empíricos. O que se busca é identificar, descrever e refletir por meio do “olhar de perto e de dentro”⁴ proposto por Magnani (2002), o modo de vida dos próprios atores sociais, revelando como usufruem do tempo e espaço da aldeia e suas relações com o trabalho, lazer e cultura.

o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. (MAGNANI, 2002, p. 17).

Dentre as 71 aldeias do território indígena *Akwẽ-Xerente* selecionei a aldeia Salto (Kripé) para desenvolver este estudo. A aldeia Salto tem na atualidade 106 famílias, totalizando mais de 400 habitantes, sendo a maior aldeia *Akwẽ-Xerente*. E nesta aldeia há um esforço por manter as práticas culturais vivas, e uma das estratégias é a realização anual da festa tradicional, chamada Dasipê.

4 Como instrumentos de análise no sentido referido mais acima, ao mesmo tempo unidades de sentido e de inteligibilidade, essas categorias permitem reconhecer e descrever as múltiplas passagens entre diferentes domínios de abrangência, orientando o olhar de forma que não se situe tão “de perto” a ponto de se identificar com uma visão particularista e fragmentária, mas também nem tão “de longe”, focado no plano das generalidades (MAGNANI. 2014, p. 11).

3 DESCRIÇÕES, RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES...

Segui durante seis visitas, realizando a observação participante e tentando realizar uma descrição de tudo o que observava e vivia, buscando trazer elementos que pudessem revelar o modo de habitar do povo *Akwẽ* da aldeia Salto. A busca é por trazer uma imagem da forma de lidar com as obrigações, com a família, com a comunidade, com as crianças, com a natureza, com o território indígena *Akwẽ/Xerente*, com as brincadeiras, os jogos enfim, um modo de vida que se revela nas práticas culturais *Akwẽ*, sugerindo reflexões para o entendimento de que não existe uma homogeneidade cultural e, por conseguinte os Estudos do Lazer seguem nesta direção.

Após este período de observação participante, pude acessar com a minha lente um retrato do povo *Akwẽ-Xerente* na atualidade, com seu modo de vida que foi sendo construído historicamente de geração a geração, que faz revelar práticas culturais que denotam uma unidade entre o pensar, a natureza, o ambiente e a cultura, busquei construir uma guia de entrevista que pudesse trazer elementos relevantes para responder o meu problema de pesquisa. Esta guia foi discutida com o meu orientador e aplicado quatro pilotos, foram feitos ajustes e enfim, em mais quatro visitas a aldeia Salto, 16 indígenas foram entrevistados.

A simples estratégia de acompanhar um desses “indivíduos” em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho, do lazer, das práticas religiosas, associativas etc. É neste plano que entra a perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais. (MAGNANI, 2002, p.17).

As experiências metodológicas propostas objetivam como destaca Magnani (2009), uma possibilidade de o pesquisador entrar em contato com o universo dos pesquisados e compartilhar o seu horizonte, e em uma relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. Os caminhos metodológicos desenvolvidos aqui se justificam a partir da necessidade de um olhar paciente, preciso e sensível, que permita observar o que se revela na vida cotidiana do povo *Akwẽ/Xerente*, suas práticas culturais que aproximam do campo de Estudos do Lazer.

A percepção do processo de alteridade, no estudo do *Akwẽ-Xerente*, poderá revelar aproximações com os estudos do lazer, por meio da análise das práticas culturais. Os estudos que dizem do lazer como atitude/experiência subjetiva e o lazer como dimensão da cultura e prática social complexa podem ajudar a compreender o objeto de estudo aqui proposto, como destaca abaixo:

o lazer é uma criação humana em constante diálogo com as demais esferas da vida. Participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade, e é um dos fios tecidos na rede humana de significados, símbolos e significações e trazem as análises de Gomes e Faria que colaboram com esse debate, entendendo que o lazer deve ser pensado no campo das práticas humanas como um emaranhado de sentidos e significados dialeticamente partilhados nas construções subjetivas e objetivas dos sujeitos, em diferentes contextos de práticas sociais (GOMES; PINTO, 2009, p.99).

Entrar em contato com os sentidos e significados elaborados na vida cotidiana indígena traz a tona reflexões pertinentes e atuais acerca do seu processo de envolvimento histórico com o ambiente. Sendo este compreendido como o estudo da vida social, ou melhor, dizendo, as relações de crescimento, habitação e processos de vida (INGOLD, 2000). O ambiente, no sentido de lugar, onde as estruturas emergem de toda uma gama de práticas e processos, como um território em que seja construída a identidade histórica do indígena.

O território indígena e sua temporalidade se diferenciam dos demais territórios e temporalidades dos sujeitos que compõem a sociedade envolvente, cada realidade vem sendo construída a partir das experiências, vivências, sentidos e significados elaborados na vida cotidiana individual e coletiva.

Pensar estas outras culturas, pensar a diversidade vai além do reconhecimento do outro. Significa, sobretudo, pensar a relação entre eu e o outro, uma vez que a diversidade, em todas as suas manifestações, é inerente à condição humana: somos atores sociais, históricos e culturais e, por isso, diferentes. Isso não significa negar as semelhanças. Entretanto, a existência de pontos comuns entre os diferentes grupos humanos não pode conduzir a uma interpretação da experiência humana como algo invariável.

Adentrei o território Xerente levando comigo os seguintes questionamentos: Quais as práticas culturais se revelam como modo de vida e de constituição da alteridade *Akwẽ*-Xerente? Como vivem? Em que acreditam? Como brincam? O que jogam? Trabalham? Em que tempo isso acontece? Levei comigo para além destas indagações, uma angústia com relação ao quanto as sociedades urbanas se encontram desapaoadas de uma das suas dimensões fundamentais: a temporalidade. Baptista (2014, p. 96) reflete sobre essa situação:

Quando em raras ocasiões da vida os indivíduos se veem confrontados com a escassez da sua própria temporalidade, quando momentaneamente se reconhecem como detentores de uma temporalidade limitada, é o todo este modo de organização do seu próprio tempo que lhes surge como problemático e sem sentido. Experiência fugaz esta, a do confronto do sujeito com a própria temporalidade, que o modo de organização econômico e cultural das nossas sociedades procura de imediato velar.

Após três anos de contato mais sistemático, entre a pesquisa exploratória, a observação participante e as entrevistas, pude constatar que há todo um complexo de práticas culturais do povo *Akwẽ*-Xerente, que se revelam como modo de vida e de constituição da alteridade *Akwẽ*-Xerente, a partir da identificação do envolvimento cultural. Estas práticas culturais são corporificadas de acordo a cosmologia deste povo, desde rituais de nomeação das crianças, rituais fúnebres, o ensinamento do choro *Akwẽ*, o ensinamento do discurso, o apadrinhamento das meninas quando nascem, o ritual do casamento *Akwẽ*, a pintura corporal, o artesanato e ainda uma prática, que considero muito significativa e foi revelada nas respostas das entrevistas, quando se buscava dizer das práticas culturais muitos se remetiam a língua do povo *Akwẽ*-Xerente, que determinante na vida cotidiana deste povo, que acreditam que se protegem por meio da sua língua e as tantas práticas culturais que envolvem a ludicidade, o encontro com os parentes, o jogo, o brincar, a caça as tanajuras, o banho no rio, a roda do artesanato, que transita entre a liberdade e a obrigação,

a corrida de tora, o arco e flecha, as corridas de resistência, o cabo de força e o futebol. Estas práticas culturais deixam emergir uma temporalidade humana de lazer, que denota promover um outro nível de conhecimento, desenvolvimento e de aproximação do homem de si próprio, na escuta do que lhe é mais íntimo, Baptista (2014, p. 96), constituindo desta maneira, uma forma específica de habitar o mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer para o campo do debate a vida cotidiana do indígena, pela lente do lazer, é propor que alternemos o monóculo com o binóculo, ou seja, poder dizer somente de práticas culturais de lazer específicas do povo *Akwẽ/Xerente* e/ou dizer das práticas culturais de lazer do povo *Akwẽ/Xerente*, assim posso analisar a corrida de tora, bem como a corrida de tora, do circuito do futebol, os passeios na cidade e o navegar no mundo da net. E ao alternar estas possibilidades de olhar, é possível que se reconheça que as práticas culturais de lazer analisadas neste estudo fazem parte de um todo complexo que envolve para além da ludicidade e do prazer, questões cosmológicas, políticas, sociais e econômicas, que são complexas, e permeiam a responsabilidade com o fortalecimento destas práticas culturais:

O que se apresenta acima retrata muito do que pude observar na aldeia Salto. Há uma realidade estabelecida entre tempos em que a prioridade são as práticas culturais de lazer do povo *Akwẽ/Xerente* e tempos em que o indígena transita pela modernidade. Não há um abandono do ser índio para ele jogar futebol com uma chuteira no pé ou ainda, quando navega na internet, ele continua sendo índio, vivendo de acordo com um tempo histórico que em permanente transição e não estático.

ABSTRACT: This study aims to investigate the cultural practices, that are revealed as a way of life and constitution of Akwẽ-Xerente alterity. It aims also at identifying the approximations of cultural practices of this people with the field of Leisure Studies. The methodology was built to privilege a dialogue between bibliographical and field research from an ethnographic perspective. The cultural practices of leisure bring a specific dwelling and a relation with the territoriality and temporality that strengthen the otherness of the Akwẽ-Xerente people.

KEYWORDS: Indigenous, Leisure

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo investigar las prácticas culturales que se revelan como una forma de vida y la constitución de Akwẽ-Xerente otredad e identificar los enfoques de las prácticas culturales de estas personas con el curso Estudios del Ocio. La metodología se construye con el diálogo entre la literatura y la investigación de campo en una perspectiva etnográfica. Las prácticas culturales del ocio traer una permanencia específica y una relación con la territorialidad y la temporalidad que fortalece la alteridad de la comunidad Akwẽ-Xerente.

PALABRAS CLAVES: Indígena, Ócio

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. M. Estudos de ócio e leisure studies – o atual debate filosófico, político e cultural. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 3, n.1, p.20-30, jan./abr. 2016.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição; trad. De Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GOMES C. *et. al* orgs. **Lazer na América Latina**/Tiempo libre, ócio y recreación en Latinoamerica. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

GRANDO, B., PASSOS, L. A. **Brincar, jogar o eu e o outro na escola**: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola. Cuiabá: UFMT, 2010.

MAGNANI, J.G. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAGNANI, J.G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, n. 49. São Paulo: jun. 2002.

MAGNANI, J.G. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.